

TÍMIDAS LEMBRANÇAS ESCOLARES DE UM MÍOPE: CACOS DE UMA VIVÊNCIA QUE SE TRANSFORMAM EM VITRAIS

Nasci no raiar do sol do dia 20 de dezembro de 1962. Era quinta-feira na Maternidade Barão de Lucena, localizada na Avenida Caxangá na cidade do Recife. Sou filho da doméstica e artesã Rozinete Tavares da Silva e do pedreiro, pintor, eletricitista, carpinteiro e contador Pedro Eugênio da Silva, já falecidos. O bairro em que morei desde a minha infância e do qual vim a sair apenas em 1992 chama-se San Martín¹. Este bairro, localizado na periferia oeste da cidade do Recife, fazia parte do Programa Vila Social Contra o Mocambo (LEITE, 2016), que se tornou uma bandeira autoritária do governo estadual a partir dos anos 50.

Iniciei a minha vida escolar em meados dos anos 60 no bairro em que nasci, ficando até a conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1985. Minha primeira escola foi uma pequena casa próxima à minha. Dona Nil, como a chamávamos na época, era uma senhora que dividia o seu tempo entre vender objetos nas residências e ser professora. A escola ocupava uma sala em sua casa. Dentro desse espaço, realizei a minha primeira trela. Para ir ao banheiro, tínhamos que cruzar a cozinha. Em uma dessas idas, peguei um pequeno pedaço de carne de charque crua, que repousava sobre a mesa da cozinha. Foi motivo bastante para dona Nil ir falar com a minha mãe e me retirar da casa-escola. Penso que, na época, eu tinha uns cinco ou seis anos de idade.

A segunda escola foi um grupo escolar, nos fundos da minha casa. Lembro-me bem do banco onde partilhava as tarefas com um colega. Havia apenas uma única sala de aula. Nesse mesmo espaço, anos mais tarde, eu acompanhava a minha mãe nas aulas de culinária e artesanato. Ao final de cada aula, provávamos o que as mães haviam feito; lembro bem do gosto da torta de abacaxi.

Dessas duas experiências, não possuo nenhum registro oficial, do tipo diploma, certificado, declaração ou coisa e tal. Parece-me até que era apenas para ocupar o tempo. Completando com a contação de histórias da minha mãe, que nos introduzia no mundo das letras através das diversas histórias presentes na *Coleção Vovó Felício*, editada em 1966.

¹ Simón Bolívar e José de San Martín foram os mais influentes que desempenharam papel crucial nos movimentos de independência dos países sul-americanos e moldaram o primeiro projeto de integração sul-americana hoje revivido na Unasul. Bolívar atuou na libertação do norte da atual Venezuela, Nova Granada e Quito, e San Martín garantiu independência da Argentina, libertando também Chile e Peru.

Escola de verdade, no dizer da palavra, foi possível vivenciar a partir dos sete anos de idade. Para contar um pouco dessa história, que, para mim, é um grande desafio, pois não tenho muitas lembranças desse tempo, tive que procurar algumas fontes. Fotos não tenho, apenas os diplomas que, no momento em que escrevo este texto, estão repousando em minha escrivaninha; entre eles, o *Diploma Doutorando do A.B.C.* O ano não teve registro. As informações estão incompletas. Nesse diploma, os espaços reservados à minha data de nascimento, à naturalidade e à minha assinatura estão vazios. O espaço para a foto, também. Penso que esse diploma reflete um pouco o meu jardim da infância. No diploma, quatro cacos de texto estão impressos: “Creio em Deus, venero minha Pátria, amo minha família; o amor ao próximo vai ser meu lema de vida” – “Aprendi brincando, brinquei estudando. Sei cantar os Hinos da minha Pátria e declamar poesias patrióticas” – “Um grande adeus para os companheiros que ficam. Saudades e gratidão para as queridas professoras. Jamais esquecerei o meu Jardim da Infância. Hoje saio daqui feliz porque fui amado e compreendido: triste por deixar aqui o meu mundo de côr, beleza e amor”. “Imita na grandeza a terra em que nasceste, criança; Não verás nenhum país como este”. Essas palavras, tínhamos que memorizar, a fim de declamá-las no dia da formatura. A assinatura da minha professora está também marcada: Amara Chagas Alves. Uma professora muito amável que morava próximo da minha casa. Parecia com a minha mãe. Não tenho lembranças do cotidiano em sala de aula, apenas da foto de formatura que tirei com minha professora, a minha mãe e uma outra menina que dançou comigo a tão esperada valsa. Nas fotos de formatura, posso ver meu semblante fechado, com cara de quem quer fugir.

E foram se seguindo os anos: em 1969, a primeira série; 1970 a segunda; 1971 a terceira; 1972 a quarta; 1973 a quinta; 1974 a sexta; 1975 a sétima, e 1976 a oitava série. O Ensino Fundamental, níveis I e II, foi realizado na Escola Félix Cursino e no Colégio Nossa Senhora de Fátima. Eles não mais existem e estavam localizados também no Bairro de San Martin em Recife.

No que se refere ao cotidiano escolar, como partilhei no início, não tenho lembranças da sala de aula e das brincadeiras com os colegas. Entretanto foram vários os momentos de encontros com os colegas de rua que não estudavam comigo na escola. Jogar pião, fazer papagaios, brincar de pique, tomar banho de barreiro, fazer brinquedos... Era um tempo gostoso. No jogo de pião, admirava os colegas que, em um lance preciso, acertavam os outros deitados em uma roda. Em um desses lances, o meu pião, que estava deitado na roda, foi posto para fora pela precisão da jogada do Erinho. Ele rolou para fora da roda. O que isso queria dizer: que eu perderia o brinquedo. Preocupado com isso, meu

lance com a mão foi mais preciso ainda e peguei o meu pião e corri desembestado para casa, e é claro a turminha dos colegas também, atrás do meu pião. Com a bola de gude, era mesma coisa: perdia várias, uma vez que eram necessárias jogadas precisas para acertar as outras bolas. Bem, hoje descobri que a não precisão nos piões e bolas devia-se à minha miopia. Na época, eu não me dava conta de que a possuía.

Na tentativa de um esforço na composição de um quadro da vivência escolar, sinto que posso trazer alguns cacos, embora ainda sob névoas. Entre eles: a grande timidez, a dificuldade de enxergar, o boletim com as anotações da escola no qual estava sempre destacado o bom comportamento, a admiração platônica por uma colega do primário, o acompanhamento aos colegas em algumas travessuras, as oficinas para confeccionar alguns objetos frutos das aulas de história, as festas da escola, o contato com os livros, o pavor da tabuada, o gosto pela ciência, o pavor de ser chamado ao quadro, o futebol, o choquito sagrado que comia ao ir para as aulas de artes, aos sábados pela manhã, o amigo José dos Santos, o amigo Djacir, a barraca do sapateiro... São retalhos com os quais tentarei tecer alguns registros e, assim, ousar a construção de um vitral (JARA, 1996).

Sem dúvida, as duas grandes marcas da experiência escolar foram a timidez e a dificuldade de enxergar, da qual não me dava conta na época. A obrigatoriedade dos óculos não veio pela escola, mas sim por uma reclamação da minha mãe, por eu assistir de tão perto aos programas na TV em preto e branco que adquirimos em meados dos anos 70. Comunicar-me com o mundo sempre foi, para mim, um grande motivo para o coração saltar do peito. Por isso, na época, me sentia mais seguro em seguir os meus colegas, em vez de conduzir algo, esconder-me dentro da escola.

Não me sinto confortável de ter estas lembranças, mas literalmente eu acompanhava os colegas nas brincadeiras, nas atividades em sala de aula; era visto como o abestalhado da turma. Por conta disso, nos chamados momentos fortes – trabalhos em grupo, dança em uma festa da escola (lembro apenas da quadrilha de São João) –, aí ficava um tanto difícil, pois não era escolhido. Nos grupos, ficava junto com colegas como eu; e na dança era um desastre, ficava na festa apenas olhando esta passar. Participar da banda da escola, eis um momento em que eu vibrava. Olhava os colegas rufando a famosa caixa e o tarol, naquele ritmo frenético e cadenciado. Mas não era para qualquer um segurar uma baqueta. Nunca tive essa oportunidade. Sobrava, então, os pratos de metal ou o reco-reco. Estes, eu procurava tocar como se estivesse rufando um tarol. Infelizmente, os pratos ficaram apenas nos ensaios, porque, no dia do desfile, não entrava na banca, apenas desfilava com o uniforme da escola. Entretanto houve um ano em que desfilei, vestido de

jogador do Santa Cruz. Imaginem, era um “perna de pau no futebol”, eu só jogava quando tínhamos um número par de participantes ou quando a bola era minha; e estava lá, desfilando nas ruas do bairro. Irado. A timidez era uma presença contínua. Era difícil, para mim, pedir uma explicação à professora em sala de aula. Não enxergava direito o quadro, e assim dúvidas foram ficando uma sobre as outras. Quando vinham as provas, o pânico e a avalanche. Entretanto o que me ajudou bastante foram as tarefas de casa, sempre cobradas pela minha mãe. Literalmente, eu enfiava os olhos nos cadernos para enxergar as atividades. Lembro que escrever era uma constante. Com isso, tinha que passar para o caderno as lições dos livros e as respostas.

Vista curta, usei óculos pela primeira vez em 1976, quando findei o Fundamental II. Sem me dar conta, já estava com 4 graus de miopia. Entretanto penso que o grau era maior, considerando que, num exame de vista, consegui ver apenas a letra “E”, do tamanho de uma página de papel ofício. Quando vi aquilo, achava que estava bom demais. Porém estava com um grau e meio de diferença em relação ao que realmente precisava. E isso perdurou vários anos. Apenas dez anos depois (já na Universidade), foi possível visitar um oftalmologista pela primeira vez. O meu nítido mundo era possível apenas a trinta centímetros do papel. Além disso, névoas. Por essa razão, identificar se uma colega olhava para mim ou entender as explicações no quadro eram ações difíceis. Tinha que gastar muita energia nas tarefas de casa. Admirava os colegas que sentavam ao meu lado no fundo da sala e enxergavam o quadro direitinho, como manda o figurino. Não sabia porque eu não enxergava, iria ficar sempre assim. Alguns nascem desse jeito, e pronto – pensava. Ser comportado era ser invisível na escola; por isso, não me lembro de ninguém ter dito algo sobre a minha vista curta. Como partilhei anteriormente, ir ao oculista foi mais uma obrigação dentro de casa; minha mãe reclamava muito por eu assistir “Viagem ao Fundo do Mar”, “Terra de Gigantes”, “Capitão Escarlate”, e muitas outras programações, com a cabeça quase entrando na televisão ABC (A Voz de Ouro).

Os trabalhos manuais na escola me fascinavam. Era um momento de construir coisas, como nos finais de semana, quando ficava com meu pai desenvolvendo, em casa, atividades como consertos e serviços de pintura, alvenaria, eletricidade etc. Certa vez, ao consertar uma tomada, na qual funcionava também um interruptor, trocamos os fios e, quando tentamos ligar a lâmpada, o pipoco foi grande. Nem o disjuntor aguentou o curto-circuito. Eu gostava muito das aulas de artes, aos sábados pela manhã. O gosto, penso, veio também da ajuda que dava à minha mãe na realização dos trabalhos manuais: crochê, tapeçaria, pintura em tecidos etc. As aulas de História eram sem muita criatividade.

Contudo, quando chegava em casa e assistia a “Ivanhoé²”; a história ganhava vida. Em um dos trabalhos sobre índios, realizado com três colegas, na referida disciplina, cada um fez um objeto; confeccionei um arco e uma flecha, bonitos e feitos com muito cuidado. Depois da apresentação, dividimos os objetos feitos. Não fiquei com o meu arco e flecha, sobrando para mim um tacape. Era apenas um pedaço de pau, tipo cabo de vassoura, pintado de prateado e feito por outro colega. Não sei por que não fiquei com o arco. Queria ficar com ele porque eu o fiz. Todavia outro colega pegou. Não reclamei e achava aquilo natural, pois era um dos colegas levados da breca na escola.

Entre os momentos de pânico, estavam as idas ao quadro-verde. Simplesmente, eu paralisava diante das tarefas, a maior parte de Matemática. Como eu não pedia explicações quanto às dúvidas, ir ao quadro era um momento extremamente angustiante. Não me lembro da reação dos colegas quando não conseguia realizar as contas. A imagem que tenho na lembrança é apenas a do quadro em frente aos meus olhos.

Quatro colegas que destaque nos tempos de escola e com os quais aprendemos várias coisas foram José dos Santos, Djacir, Evandro e Fernando. José tinha a mania de desenhar coisas. Por intermédio dele, conheci os desenhos animados feitos nas bordas dos cadernos. Exímio desenhista, ele enchia as folhas de cadernos com personagens inventados ou vindos dos filmes de aventura. Há poucos anos, soube que ele havia realizado a sua primeira exposição de quadros. Djacir tinha seus animais domésticos. Ao visita-lo em casa, aprendia a cuidar de perus, galinhas. Foi dele o primeiro cachorro que criei. Evandro era um colega cuidadoso que vivia e gostava das aventuras do “tempantigo”. Era assim que ele falava, ao se referir aos tempos antigos na história. Com ele, surgiu o gosto pelos mistérios da história. Fernando era um curioso em eletrônica. Foram vários os momentos, após as aulas em sua casa, em que curiava desmontar um rádio ou jogar aqueles videogames em que duas barrinhas teimavam em subir e descer, controlando um pequeno ponto luminoso que representava uma bola. Foram vários os colegas cuja vivência mais intensa se deu fora do espaço escolar. Curioso, não ia à casa deles para fazer tarefas da escola, ia apenas para brincar ou curiar os talentos que possuíam. Admirava bastante isso.

O boletim era uma espécie de caderninho azul, do tamanho de uma carteira profissional; e as notas estavam lá, algumas azuis, outras vermelhas, mas, no comportamento, sempre a nota 100. Curioso, pois, fora da escola, eu era um levado da breca. Atirava pedras nos frutos das mangueiras, nos oitis e castanholas; corria, de um lado

² Trata-se de um filme do final dos anos 50 baseado no romance do escritor escocês Walter Scott, publicado em 1820. Narra a luta entre saxões e normandos e as intrigas de João sem Terra para destronar Ricardo Coração de Leão. É considerado o primeiro romance histórico do romantismo

para o outro da rua, com o meu carro de lata, com um pneu e dois cabos de vassoura, ou com o famoso trem feito com latas de leite Ninho; jogava bola em um campo cheio de lama; tomava banho em uma vala que hoje é um esgoto no bairro; jogava pião; empinava papagaio; no Carnaval, saía fantasiado de guarda, segurando a lança; catava lata e plástico nos lixos para alugar bicicleta; fazia mil coisas. Era um levado da breca, com as mãos sempre ocupadas construindo ou destruindo coisas. Embora a timidez e a miopia estivessem sendo fortes companheiras, gerando desafios em minha comunicação com o mundo, a minha cabeça voava a mil em criatividade. Havia a **Revista Recreio**, para montar modelos em papel, e a coleção quinzenal dos Cientistas eram presenças constantes.

Anos mais tarde, em 1976, como a aula iniciava às 16 h e terminava às 19h, era sagrado, entre os colegas, esperarmos o início das aulas conversando com um sapateiro que possuía uma oficina na esquina da escola. O nome dele, apenas Sapateiro. A turma gostava muito de estar ali – apenas os meninos –, jogando conversa fora, entre uma martelada e outra nas solas dos sapatos. Sempre uma história era contada por ele.

Os momentos das aulas de Educação Física, muito mais prática de futebol, eram recheadas de momentos de humor e reclamações dos colegas com mais experiência, os quais não cansavam de me dizer o que deveria fazer no jogo: “Olha a bola, Alexandre!”. Certa vez, me escalaram como goleiro: a escola não possuía quadra, muito menos um campo de futebol. Aproveitávamos o campo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que possuía um centro de formação no bairro. Bem, estando no gol, e como o meu time era formado por bons jogadores, o meu trabalho era pouco, ficava na maior parte do tempo sentado em uma das traves, esperando o jogo passar. Certa vez, eis que me veio a ideia de me aventurar. E, assim, pulei e fiquei pendurado na trave superior, balançando para lá, balançando para cá. Como era de madeira e um tanto velha, a coisa veio abaixo. Por sorte, não me feriu, mas gol não havia mais, porque a trave era apenas três pedaços de madeira no chão. Nesse momento, o meu time sofreu um contra-ataque repentino, e a bola veio em minha direção. Sem pensar duas vezes, abri os braços em posição de defender o gol. Mas, cadê o gol? O jogador do outro time não marcou o gol, e ficou parado, não sabendo para onde chutar. Então um colega do meu time roubou a bola e iniciou um contra-ataque, que resultou em um gol. Assim, ganhamos o jogo, gerando-se um prejuízo para o SENAI.

Pensando em todas estas histórias, em forma de cacos, me vem um sentimento não tão confortável. A imagem que tive da escola é a de um espaço meio escuro como uma das minhas salas de aula. As duas escolas com a arquitetura de casas reformadas. Para mim,

eram mais casas-escola do que realmente escola. Recebi, em um certo ano, o número 53, e estava todo orgulhoso, pois era o mesmo número do fusca do filme. Sendo o 53, para chegar a minha vez de responder certas perguntas, demorava muito, o que ajudava a dominar o palpitar do coração, que teimava em sair do peito, e pensar uma resposta precisa, geralmente nas aulas de Estudos Sociais.

Pois é: como disse, anteriormente, não tenho nenhuma lembrança do cotidiano da sala de aula, das tarefas, como ocorriam, que metodologia era utilizada, o tipo de tarefas de casa etc., mas forte está a lembrança de ter sido possível, neste espaço, ter contato com as pessoas, sem precisar que eu tivesse a iniciativa de encontrá-las. Estavam todas lá na escola, na sala de aula. As experiências com os/as colegas foram fortes, no sentido de me apresentar talentos de colegas que, aos poucos, fui incorporando à minha experiência de vida, reconfigurando e descobrindo meus próprios talentos, que não são poucos, estando apenas escondidos.

Entretanto as dificuldades de comunicação, de visão etc. me levaram a buscar, fora da escola, possibilidades e conexões com o que era possível aprender na escola. O gosto pela ciência, o gosto pelos chamados Estudos Sociais, a curiosidade de coletar formigas e colocá-las em um aquário com terra, para ver o que acontecia, e tantas outras coisas, aprendi não na escola, mas aprendi nos tempos de escola. Em si, era a tentativa de criar um mundo próprio em que enxergar bem e se comunicar seriam realidades.

Nos tempos de escola, tornar-me um cientista, mexer em objetos com as mãos e fazer experimentos era o meu grande talento. Dois deles consistiam em saber se, jogando uma bola em um prego de duas polegadas, ela furaria; e se, jogando um rádio de pilha, ligado, em uma bacia com água, ele continuaria a falar. Foram situações loucas, meio bobas, mas que me fizeram acreditar e defender algo: que, em diversas experiências sociais que os seres humanos possuem a oportunidade de estar junto, é possível aprender um montão de coisas, que podem até parecer cacos, desconexos, porém que, ao longo de nossa caminhada, vão nos ajudando a tecer um vitral, E, acreditamos, isso tem a ver com aquilo e aquilo outro. Talvez seja isso que me faz apostar, tanto, na possibilidade de que todos os seres humanos gerem saberes, fazendo-os circular no cotidiano (COSTA, 1991; BRANDÃO, 2006).

Quando, a partir de 1986, iniciei o meu trabalho com meninos e meninas de rua no Centro Educacional Dom Bosco, na cidade do Jaboatão dos Guararapes (área metropolitana da cidade do Recife, foi possível conectar experiências sociais a processos educativos de produção de saberes. Na época, foi possível, ao time de educadores, que

formávamos, com a grande inspiração do Pe. Ramiro Ludena Amigo, construir uma proposta educativa empapada com o pensamento pedagógico freiriano (VAINSENCHE, 1987). Eu me via nos meninos e meninas com os quais trabalhava. Sabia e dava-me conta de que, para acompanhar o processo educativo dentro da escola vinculada ao projeto e dentro das oficinas que possuíamos, era necessário aprender com o cotidiano da turma. Aprender a ordenhar cabras, aprender a assar pão, aprender a costurar, aprender a plantar etc. eram experiências vitais para mim, no sentido de poder ajudar os meninos e meninas a refletirem sobre a vida e a entender, dentro dela, os processos educativos presentes e, ao longo do tempo, conectá-los aos processos educativos em sala de aula. Embora eu não tenha sido um menino levado da breca, hoje esses meninos e meninas levados da breca vivem em um mundo de grandes desafios; e ser levado da breca é uma atitude revolucionária, no sentido de se contrapor a um sistema que nega a vida e que desmantela identidades. Assim, com seus cacos, vão tecendo vitrais. Por isso, mesmo não tendo lembranças precisas dos tempos da escola, me dou conta de que foram vários os cacos presentes nessa trajetória e que, aos poucos, ao longo da vida, tenho tido a oportunidade de tecer vitrais. Estes que, mesmo diante de uma diversidade de coisas, vão me ajudando a defender as ricas possibilidades de aprender com a própria vida.

Referências

BRANDÃO. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Presença Educativa**. São Paulo: Salesiana, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: EQUIP; Editora Universitária, 1996.

LEITE, Ricardo. **Recife dos morros e córregos: a fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela**. Disponível em : http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270423029_ARQUIVO_RECIFEDOSMORROSECORREGOS.05012010.pdf. Acessado em 20 de junho de 2016.

VAINSENCHE, Semira Adler. **Centro Educacional Dom Bosco: uma experiência com menores de rua**. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1987.

Alexandre Magno Tavares da Silva

Professor do Departamento de Metodologia da Educação (CE – UFPB). Graduado em Ciências Sociais (Antropologia/1985), mestre em Educação Popular pela Universidade Federal da Paraíba (1995), doutor em Ciências da Educação (Pedagogia Social) pela Johann Wolfgang Goethe Universität (Frankfurt – Alemanha). Tem experiência na área de Educação e Antropologia, com ênfase em processos participativos de produção de saberes. Leciona as disciplinas Educação de Jovens e Adultos, Fundamentos Históricos da Educação de Jovens e Adultos, Educação e Movimentos Sociais, Teorias e Práticas da Educação Popular, Organização e Prática da Educação de Jovens e Adultos. Capoeirista do Grupo Capoeira Brasil (Centro Cultural Ginga Nação – João Pessoa). As memórias apresentadas no artigo correspondem ao período de 1968 a 1976.

E-mail: alexandremagno.ufpb@gmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016